



● Leitor iniciante



● Leitor em processo



● Leitor fluente

GIRASSOL

EDUARDO AMOS

A cidade muda

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

● Leitor fluente – 4º e 5º anos do
Ensino Fundamental

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



A cidade muda

EDUARDO AMOS



UM POUCO SOBRE O AUTOR

Nasceu em junho de 1952 na cidade de Rio Claro, São Paulo. Concluiu seus estudos secundários nos Estados Unidos — Cleveland, Ohio. Estudou na Escola de Comunicações e Artes da USP, onde se formou em 1975. Foi professor do Ensino Fundamental e Médio de vários estabelecimentos de ensino da cidade de São Paulo: Escola Pacaembu, Colégio Equipe, Logos Escola de Ensino Médio, Colégio Galileu Galilei, Externato Ofélia Fonseca. Em 1981, publicou sua primeira obra para o ensino de inglês — *Graded English*, pela Editora Moderna, em coautoria com Elisabeth Prescher e Ernesto Pasqualin. Em 1985, publicou *Our Way* (também em parceria com Elisabeth Prescher e Ernesto Pasqualin), agora na 7ª edição.



RESENHA

A banca da dona Heloisa foi a primeira a desaparecer. Depois a lanchonete do seu Nicola virou um prédio grande e cinza. Não demorou muito até chegar a vez de a padaria do seu Pereira virar um prédio maior ainda, todo coberto de vidro, sem janelas.

Juca tentou perguntar para alguns dos muitos desconhecidos que passaram a circular por aquelas ruas o que estava acontecendo, mas nenhum deles respondia, todos caminhavam calados, olhando hipnotizados para uma pequena tela que carregavam na mão. No dia seguinte, depois de um sono cheio de pesadelos, Juca descobriu que a floricultura da dona Inês não existia mais e que a própria dona Inês não se encontrava em parte alguma. Foi então que o menino resolveu: se a cada vez que ele caía no sono alguma coisa desaparecia, ele não ia dormir aquela noite.

Mas, no dia seguinte, exausto de uma noite em vigília, Juca acabou adormecendo – e a cidade despertou sem as árvores. Então, ele fez faixas, pregou cartazes, pintou frases no chão para avisar as pessoas de que as coisas estavam desaparecendo, mas ninguém parecia prestar atenção, enquanto o silêncio se espalhava em todas as direções. Incansável, subiu no telhado, gritou com as mãos em concha a plenos pulmões, para ver se alguém respondia. Então, de longe, veio uma voz fazendo eco – a voz de alguma coisa viva. A história termina quando Juca desce do telhado e tenta encontrar a direção de onde veio a voz que respondeu a seu chamado.

Eduardo Amos começa descrevendo o cotidiano de um menino em uma cidade como outra qualquer – sua lanchonete preferida, seu vizinho rabugento, as conversas com o carteiro. Pouco a pouco, porém, a história vai mudando de tom, tornando-se anônima e, quando menos se espera, o protagonista se vê sozinho no meio de um grupo de desconhecidos indiferentes, vendo os lugares que lhe permitiam reconhecer-se em sua cidade desaparecerem um a um.

O autor faz uso de elementos de realismo fantástico – a velocidade sobre-humana da passagem do tempo, por exemplo – para contar uma história bastante atual e quase onipresente, a da transformação brutal das cidades em tempos de especulação imobiliária feroz. Como é que se faz para continuar vivendo em um lugar em que a gente não mais se reconhece? Como é que a gente conversa com multidões entorpecidas? Que tipo de resistência é possível? O autor não oferece respostas dogmáticas a essas questões: prefere deixar ao leitor a tarefa de procurar a voz arco-íris escondida no meio da cidade cinzenta.



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: texto curto.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Geografia.

Palavras-chave: cidade, especulação imobiliária, tecnologia, indiferença, resistência, estranheza, perda.

Tema transversal: ética.

Público-alvo: leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental).



SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro. Chame a atenção para o espaço em branco que invade a parte inferior da imagem, como se as casas estivessem em vias de desaparecer. Por que será que a ilustradora optou por esse efeito?

2. Estimule os alunos a criar hipóteses a respeito do título do livro. Que espécie de cidade poderia ser chamada de “muda”?

3. Leia com a turma o texto da quarta capa, que começa com uma frase em destaque: *uma fábula sobre quase todas as outras cidades*. O que os alunos entendem por *fábula*? Estimule-os a procurar a palavra no dicionário.

4. Levando em conta o texto da quarta capa, que antecipa alguns elementos da intriga, por que será que essa é uma cidade como quase todas as outras, segundo sugere o subtítulo? Estimule os alunos a especular a respeito da narrativa que estão prestes a ler.

5. Leia com a turma as biografias do autor e da ilustradora, nas páginas 46 e 47. Veja se os alunos notam que a biografia de Eduardo Amos está escrita em terceira pessoa, e a de Ana Terra, em primeira pessoa. Chame a atenção, ainda, para as fotos de perfil escolhidas por cada um deles – a de Eduardo é mais sóbria, ainda que sorridente, enquanto, na de Ana Terra, a ilustradora aparece usando óculos enormes e fazendo uma careta.

6. Proponha aos alunos que escrevam, eles também, a própria pequena biografia, de um parágrafo ou dois, em primeira ou terceira pessoa. Que fatos da vida optariam por contar, se tivessem que se apresentar por meio de um texto curto? Peça, ainda, que selecionem uma foto para acompanhar o texto.

7. Chame a atenção para a dedicatória do livro, na página 5.

Durante a leitura

1. Veja se os alunos percebem que a narrativa apresenta dois momentos, e dois tons, muito diferentes: aquele em que o narrador descreve a cidade de Juca como ela costumava ser e a cidade depois dos desaparecimentos. Será que notam que os personagens da primeira parte têm nomes próprios, enquanto os da segunda permanecem anônimos?

2. Em que a cidade da trama se parece, afinal, *com quase todas as outras cidades*? Será que os alunos já viveram experiências parecidas com as de Juca?

3. Diga aos alunos que prestem atenção nas falas e em outros fragmentos de texto que aparecem com uma fonte e uma diagramação diferente dos demais parágrafos. Por que será que, em cada caso, essas falas mereceram destaque? Veja se as crianças notam que algumas delas aparecem em balões, como os das histórias em quadrinhos.

4. Peça a seus alunos que enumerem todas as coisas que desaparecem no decorrer do texto, anotando também tudo aquilo que aparece em seu lugar.

5. Veja se os alunos percebem que as ilustrações são mais coloridas no começo do livro e parecem ir perdendo suas cores progressivamente. Que sensações será que a ilustradora quis provocar no leitor? De que maneira essa escolha se reflete no desenrolar da trama.

Depois da leitura

1. O final do livro é bastante enigmático. De onde será que vinha a voz que respondeu ao menino, finalmente? Veja se os alunos percebem como o autor repete a palavra “arco-íris”, que já tinha aparecido na dedicatória.

2. Estimule-os a escrever um texto em primeira pessoa com versões próprias para a continuação da história. Será que o menino encontrou o dono ou a dona da voz? Será que, em algum momento, conseguiu rever dona Inês, seu Nicola e os outros vizinhos? Será que conseguiu evitar que mais coisas desaparecessem? Uma vez concluídas, recolha as narrativas produzidas pelos alunos e redistribua-as pela classe, dando a cada aluno a tarefa de ilustrar o texto criado pelo colega.

3. Em sua biografia, Eduardo Amos comenta que São Paulo, para ele, era a verdadeira cidade muda. Como uma cidade tão ruidosa pode ser chamada de muda? Baseando-se na leitura do livro, estimule os alunos a especular o que o autor poderia querer dizer com essa expressão.

4. Com toda a certeza, a cidade em que os alunos vivem também deve ter sofrido grandes mudanças nos últimos anos... Proponha

que, em pequenos grupos, eles conversem com pais, avós e outros habitantes mais velhos de sua cidade e procurem fazer um pequeno mapa dos lugares desaparecidos do lugar onde vivem. Em que se transformaram os lugares? Que cinemas viraram igrejas; que livrarias fecharam, que árvores desapareceram? Diga a eles que procurem, ainda, reunir fotos de sua cidade em outros tempos.

5. Se possível, organize um pequeno *tour* com a turma para contar a história dos lugares desaparecidos.

6. Certamente os alunos devem ter notado que as “pequenas telas” que tanto hipnotizam os moradores anônimos da cidade de Juca são telas de celular – as cenas de pessoas caminhando com a cabeça inclinada vidradas nos visores devem ser, para os leitores, bastante familiar. Mas as coisas não foram sempre assim... Proponha que a turma realize uma pesquisa a respeito dos telefones celulares e conversem um pouco a respeito deles com pais e avós. Quando eles começaram a usar celular? Como as pessoas faziam para se comunicar antes?

7. Ouça com os alunos a canção *Cidade*, de Chico Science & Nação Zumbi, cuja letra e a base rítmica evocam o crescimento frenético (e quase sempre injusto) das cidades, especialmente das cidades grandes.



DICAS DE LEITURA

1. DO MESMO AUTOR

- *Se essa rua fosse minha*. São Paulo: Moderna.

2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *Meu pai é um homem-pássaro*, de David Almond. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- *Uma história de rabos presos*, de Ruth Rocha. São Paulo: Salamandra.
- *Dois idiotas sentados cada qual no seu barril...* São Paulo: Salamandra.